



Encontros Bibl: revista eletrônica de

biblioteconomia e ciência da informação

E-ISSN: 1518-2924

bibli@ced.ufsc.br

Universidade Federal de Santa Catarina

Brasil

Deliberali Maimone, Giovana; Christofoletti Silveira, Naira; Gonçalves Moreira Tálamo, Maria de
Fátima

Reflexões sobre as influências do capitalismo no campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação

Encontros Bibl: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, núm. 25, primer
semestre, 2008

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14702512>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

REFLEXÕES SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO CAPITALISMO NO CAMPO DA BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

REFLECTIONS ABOUT THE CAPITALISM INFLUENCES IN THE FIELD OF LIBRARY SCIENCE AND INFORMATION SCIENCE

Giovana Deliberali Maimone - bci.gdm@gmail.com

Mestre em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, SP, Brasil. Bolsista CNPq

Naira Christofeletti Silveira - naira_csilveira@yahoo.com.br

Mestre em Ciência da Informação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Campinas, SP, Brasil. Bolsista CNPq

Maria de Fátima Gonçalves Moreira Tálamo - mfgmtala@puc-campinas.edu.br
Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Pontifícia
Universidade Católica de Campinas. Campinas, SP, Brasil

Bolsa Produtividade CNPq

Integrantes do grupo de pesquisa “Produção e uso da informação”

Resumo

Apresenta relações entre as diversas fases do ensino de Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil e o capitalismo. Para evidenciar tais relações exibe-se o modo de produção capitalista e suas respectivas etapas, contextualizando dessa forma a influência deste na área e na formação do profissional da informação. As relações entre o Capitalismo e o ensino da Biblioteconomia permitem desenvolver reflexões acerca dos modelos e conteúdos dos cursos ministrados na área. Tal entendimento do modo de articulação dos parâmetros curriculares reflete as concepções e valores em período temporal. Por fim, questões de cunho terminológico são feitas a título de exemplificar as comparações mencionadas.

Palavras-chave: Sistema capitalista. Formação do profissional da informação. Biblioteconomia no Brasil.

1 INTRODUÇÃO

A segmentação das atividades dos bibliotecários (catalogação, indexação, etc.) tem como princípio agilizar os processos de tratamento da informação, tornando não raro tarefas e atividades intelectuais em rotinas mecanizadas. Da mesma forma que o fordismo desestruturou o trabalhador generalista¹ e construiu o trabalhador especializado, desconhecedor do conjunto das atividades que compõem o produto final, o bibliotecário também passou a ser um trabalhador especialista em uma determinada tarefa, e somente nela. Enfim, “[...] reproduz-se na biblioteca a competição exacerbada

¹ Entende-se como trabalhador generalista o indivíduo que conhece todas as etapas do serviço que executa.

de nossa sociedade, tornando as várias etapas, não apenas estanques, mas incompatíveis entre si” (MEY, 2001, p. 177).

Neste sentido, reflexões acerca da influência do modo de produção capitalista sobre o ensino da Biblioteconomia no Brasil tornam-se oportunas, uma vez que os modelos de formação refletem em diferentes graus os acontecimentos do mundo do trabalho. Além disso, espera-se que no futuro o debate sobre a formação evidencie qual o grau de importância que as instituições de ensino atribuem às formas de organização do trabalho e intervenham com propostas que conciliem a função do profissional da informação com as atividades que desenvolve.

Após essa introdução, o presente texto se organiza em seis partes. Primeiramente expõem-se os modos de produção fazendo uma releitura do capitalismo em cada uma de suas etapas. A seguir, relatam-se as etapas do capitalismo compreendidas entre o século XIX até os dias atuais. A fim de efetivar as relações entre o modo de produção capitalista e o ensino são expostas no terceiro capítulo as fases do ensino da Biblioteconomia no Brasil. No quarto capítulo é feito o relacionamento temporal de aspectos do capitalismo e do ensino da Biblioteconomia como forma de reflexão da influência deste modo de produção na atuação do profissional da informação. O quinto capítulo trata a Ciência da Informação quanto às questões terminológicas, influenciadas pelo capitalismo. Por último, as considerações finais sinalizam as perspectivas analíticas das autoras em relação ao tema abordado.

O texto assim estruturado possibilita responder a algumas questões que refletem a inquietação das autoras em relação à temática estudada. São elas:

- O sistema econômico vigente de um país influi nos modos de ensino das diversas áreas do conhecimento?
- Qual a relação entre o modo de produção capitalista e o ensino da Biblioteconomia e Ciência da Informação no Brasil? E quais as influências que o primeiro exerce no segundo?
- Quais os impactos que esta influência pode causar?

2 OS MODOS DE PRODUÇÃO

No período manufatureiro, especialmente de meados do século XVI ao último terço do século XVIII, prevalecia a força humana na produção de mercadorias. A maquinaria sucedeu a manufatura e possibilitou o emprego de mulheres e crianças; a força física deixou de ser requisito na execução do trabalho. O capital aplicou a máquina para baratear as mercadorias e gerar mais valia, não para promover o bem-estar do trabalhador que já se atrofiava física e intelectualmente. O trabalhador passa a ser especializado em uma única função e perde a visão do todo (MARX, 2001).

Com o surgimento de máquinas mais sofisticadas e a automação de trabalhos braçais, cresceu a demanda por trabalhadores qualificados. A educação formal passa, assim, a ser a única maneira de ascensão social entre as camadas populares, pois permitiria a ocupação de cargos com melhores remunerações e posicionamento social. No século XX, praticamente, extinguiu-se o campesinato e houve uma explosão no número de estudantes universitários; consequência da formação econômico-social vigente que

necessitava de trabalhadores especialistas, principalmente na área tecnológica (HOBSBAWN, 1995).

Desse modo, o sistema de produção capitalista, baseado no modelo desenvolvido por Ford e Taylor, não se limitou às fábricas e à produção de mercadorias, espalhou-se pela sociedade mudando as estruturas culturais e sociais vigentes até então. A educação formal, antes atribuída a poucos, torna-se requisito para a execução das atividades do trabalhador. Para alcançar um grande número de trabalhadores, a educação passa também a ser massificada, seguindo a tendência consolidada nos bens de consumo. E, como na produção de mercadorias o trabalho era dividido, a educação também passa a ser segmentada conforme a lógica cartesiana.

A divisão ou a adoção do mesmo modelo que rege o sistema capitalista na educação aumentou o número de pessoas formadas, mas não contemplou a formação intelectual. Como exemplo temos uma célebre cena de Charles Chaplin (1936), em *Tempos modernos*, na qual ele é um operário e apenas aperta parafusos. Seu intelecto é totalmente isolado, e sua única aptidão desenvolvida é aquela que beneficia ao sistema, no caso produzir um determinado produto que necessita de parafusos bem apertados. Possivelmente, após evoluções tecnológicas, uma máquina poderá ser desenvolvida substituindo o operário que aperta o parafuso. Tal operário que ao longo de seu aprendizado somente aprendeu a apertar parafusos será descartado. Quando a educação adota o mesmo modelo de produção (treinar apenas as atividades que trarão benefícios econômicos) transforma uma pessoa em operário, forma pessoas que em um determinado momento podem ser inseridas no mercado de trabalho, mas à medida que surgem novas tecnologias estas pessoas vêm-se fora do mercado e sem condições de buscarem novas atividades, pois foram conduzidas a fazer e não a pensar sobre sua profissão e sua posição na sociedade.

A adoção do modo de produção capitalista para o ensino pressupõe que os métodos didáticos se desenvolvem de maneira externa às necessidades da esfera educativa e “encontram-se subordinados ao metabolismo social produtor de mercadorias e disciplinador de uma força de trabalho subordinada à reprodução do capital” (BERGAMO; BERNARDES, 2006, p. 191).

Cabe ressaltar que trabalho que exige esforço físico pode ser substituído facilmente pela utilização de máquinas e sistemas automatizados e com isso o trabalho intelectual passa a ser submetido igualmente à lógica do capital. No momento em que o trabalho braçal pode ser amplamente substituído pela máquina, exige-se do conjunto da classe trabalhadora a mobilização prioritariamente das suas energias mentais [...] (BOLAÑO, 2003).

De fato, o conhecimento científico na sociedade burguesa se desenvolveu em um nível superior ao das sociedades antecessoras, mas, por outro lado, a produção do conhecimento ficou “condicionada às suas relações com o valor-trabalho para a reprodução do capital (BERGAMO; BERNARDES, 2006, p. 197).

Durante a segunda guerra (1939-1945), por exemplo, a produção do conhecimento se beneficiou de financiamento significativo associada prioritariamente à sua utilidade.

Esse fato contribuiu de certo modo não só para fortalecer a tensão entre pesquisa pura e pesquisa aplicada, mas também para afirmar que entendimento e uso são até certo ponto excludentes. Nesse sentido, o uso se beneficia da repetição do conhecimento reproduzido ao largo do entendimento.

O modelo de produção de massa, originalmente aplicado à indústria manufatureira, expande-se e encontra na fragmentação de tarefas e reprodução técnica sua variante para o trabalho intelectual. Para melhor entendimento, faz-se necessário explicitar as etapas do capitalismo para mais a frente relacioná-las às fases do ensino da Biblioteconomia no Brasil.

3 ETAPAS DO CAPITALISMO

Apresenta-se a seguir a sucessão das fases históricas da economia capitalista que se desenvolve a partir do início do século XIX, como já brevemente tangenciado acima. Procedendo de maneira linear, exibe-se primeiramente o capitalismo concorrencial que se inicia em 1800 e chega até o ano de 1870 com características bastantes “provincianas” à medida que manifesta aspectos limitados, como a abrangência “apenas local” dos mercados em decorrência do pouco desenvolvimento das comunicações e dos transportes. Ocorre também nesse período a “personalização” da função empresarial e inovativa. Acreditava-se que a inovação estava fortemente vinculada à figura do empresário-líder, considerado como indivíduo dotado de pré-requisitos de talento e vontade para efetivá-las (BERNARDES; ALMEIDA, 1999).

Com o avanço da Ciência transcende a capacidade cognitiva e intelectual de um único indivíduo tornando imprescindível o agrupamento de pessoas. Nasce a era oligopolista que compreende o período de 1870 até o fim dos anos 1970, configurando a tecnoestrutura, ou seja, a coordenação interna de atividades realizadas através de hierarquias com o intuito de atingir objetivos estratégicos, tendo a inovação, neste momento, a possibilidade de combinar tecnologias já desenvolvidas (ofertas) com as exigências do mercado (demanda). A aceleração do progresso científico-tecnológico, a globalização da economia e os novos métodos de gestão produtivos ocorridos a partir dos anos 80 transformaram a base técnica industrial e os padrões concorrenenciais, emergindo então a sociedade contemporânea.

A partir das transformações elencadas irrompe um novo modelo de economia, baseado no conhecimento, através do qual há maior interdependência dos fluxos informacionais que formam “redes” de conhecimento e aprendizado coletivo; estendendo mercados para o âmbito global. Nota-se que o sistema inovativo torna-se sistêmico / interativo e a função empresarial que antes era ocupada pelo “empresário-líder e condutor cede lugar ao ‘empreendedor coletivo’ nas organizações inovadoras” (BERNARDES; ALMEIDA, 1999, p. 113). Essas fases estão apresentadas na figura 1, ao final deste artigo.

Neste momento, com as fases do capitalismo situadas temporalmente parte-se para uma indicação das fases do ensino da Biblioteconomia para que posteriormente possam ser comparadas com o capitalismo, ambas inseridas em contexto brasileiro, a fim de efetivar relações.

4 FASES DO ENSINO DA BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL

O ensino de graduação em Biblioteconomia no Brasil pode ser visualizado, de acordo com Castro (2002, p. 26-29), em cinco fases:

» Fase 1 (1879-1928)

Início do Ensino em Biblioteconomia no Brasil com a criação do curso na Biblioteca Nacional, sob a influência humanística francesa.

» Fase 2 (1929-1939)

Criação do curso no Instituto Mackenzie, marcando o início da influência técnica americana. Há o predomínio pragmático americano em relação ao modelo humanista francês.

» Fase 3 (1940-1961)

Consolidação do modelo americano e expansão das escolas e cursos de Biblioteconomia. Criação do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) e da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB).

» Fase 4 (1962-1969)

Estabelecimento do currículo mínimo e regulamentação da profissão. Criação do primeiro Código de Ética e do Conselho Federal de Biblioteconomia (CFB).

» Fase 5 (1970-1995)

Paralisação do crescimento dos cursos de graduação e crescimento nos cursos de pós-graduação, busca da madureza teórica.

Com o propósito de complementar o referencial já exposto, julga-se significativo anexar o quadro curricular da Biblioteconomia no Brasil (conforme as figuras 2 e 3 ao final deste artigo) para tornar possível uma visualização mais consolidada da área, pois como afirma Castro (2002, p. 44):

A descrição sumária da evolução curricular dos cursos de Biblioteconomia no Brasil possibilita-nos compreender, da maneira mais ampla, os saberes e as práticas profissionais operadas em diferentes momentos na área. Igualmente, ajuda-nos a refletir sobre os rumos a serem tomados diante dos novos paradigmas impostos aos cursos superiores pelas diretrizes curriculares, pois levam em consideração os desafios da educação universitária diante das amplas transformações que tem ocorrido na sociedade contemporânea, no mercado de trabalho e nas condições de exercício profissional.

Analisar somente o nome das disciplinas não evidencia toda a “influência capitalista” sobre o ensino de Biblioteconomia no Brasil. Para isso seria necessário consultar as ementas e os programas de tais disciplinas e suas práticas pedagógicas. Entretanto, a designação das disciplinas fornece um indicativo de seu conteúdo e, com isso, podemos traçar e observar que no início, especialmente com o currículo da Biblioteca Nacional, as disciplinas se voltavam a um lado mais humanista e de trabalho intelectual. Existiam disciplinas direcionadas à literatura e história que levavam à leitura e discussões, o que provavelmente não acontecia nas disciplinas de cunho técnico, com conteúdo relacionado às regras catalográficas e às classificações, principalmente no ensino em São Paulo. Tais disciplinas técnicas, não conduziam os alunos à reflexão, apenas à sua aceitação. Como exemplo da falta de reflexão, tem-se a classificação da literatura americana em 810 e a literatura brasileira em B869, “[...] quando a própria Classificação Decimal de Dewey sugere utilizar simplesmente o 810, ou 8B0, para a literatura de maior importância na biblioteca” (BARBOSA; MEY; SILVEIRA, 2005, p. 1).

Influenciados diretamente ou indiretamente pelo capitalismo, os cursos passaram a adotar menos disciplinas de cunho teórico e intelectual e mais disciplinas de cunho prático, que permitiriam um processamento mais rápido da informação nas bibliotecas. O bibliotecário preocupava-se mais em fazer que pensar. O conhecimento transmitido em aula perde o valor de conhecimento em si mesmo e transforma-se em um conhecimento para se posicionar no mundo do trabalho, o valor do conhecimento adquirido “é o seu valor de troca como potencializador da mercadoria força de trabalho. ‘Não se ensina com a finalidade de os alunos aprenderem, mas sim de potenciar a provável força de trabalho futura que está presente em sala de aula’” (BERGAMO; BERNARDES, 2006, p. 192).

As críticas às excessivas disciplinas de caráter puramente técnico acarretaram em alterações curriculares da área. Novas disciplinas foram absorvidas ou criadas para balancear o ensino prático e o teórico. Observamos que o currículo, especialmente após 1950, apresenta melhor equilíbrio entre as disciplinas técnicas e teóricas. Aqui podemos traçar um paralelo com o capitalismo novamente: as empresas atualmente buscam funcionários com múltiplas habilidades, entre elas o conhecimento técnico e o teórico, além de pessoas que saibam se comunicar. Ou seja, o próprio sistema exclui aqueles que somente dominam o “fazer” e absorve aqueles que dominam o “pensar” o que leva às universidades a revisão de seus currículos para que o profissional possa inserir-se no mercado de trabalho.

5 CAPITALISMO E BIBLIOTECONOMIA: RELAÇÕES TEMPORAIS

A implantação do curso na Biblioteca Nacional (BN) e as demais características da Fase 1 (1879-1928) permitem relacionar o início do ensino de Biblioteconomia ao capitalismo concorrencial. Isto porque o ensino de Biblioteconomia se iniciou na BN “[...] sem perspectivas de atender necessidades alheias a essa instituição. As disciplinas eram oferecidas de maneira estanque e desarticuladas, sendo condizentes com a estrutura organizacional da BN” (CASTRO, 2002, p. 27). Ou seja, tratava-se de um ambiente geograficamente localizado.

Neste sentido, promovia-se o ensino que apesar de desarticulado ocorria sem a segmentação das atividades. Todas as tarefas solicitadas ao profissional da BN eram apresentadas de forma integral intencionando-se formar um aluno que dominasse todas as etapas de seu futuro labor. O indivíduo possuía uma visão holística e era dotado de talento para desenvolver todas as suas tarefas como o empresário-líder do sistema concorrencial.

Nas Fases 2, 3 e 4 (1929-1969) os cursos se voltaram para preparação tecnicista dos alunos, conforme o modelo americano implantado. Esse período se relaciona com o capitalismo oligopolista, pois com a expansão do modelo fordista pelo mundo e outros ideais americanos, aliados à explosão documental, emerge uma preocupação em processar a informação de maneira rápida e com baixo custo.

Há a consolidação do modelo de ensino americano com a implantação de inúmeras Escolas ao mesmo tempo em que se observa o declínio do modelo francês. A formação se volta às exigências do mercado; o profissional perde o lado humanista francês e se

torna um tecnicista, um profissional pragmático. O reflexo de tal situação nos conteúdos curriculares afirma-se na desproporcionalidade da relevância entre conteúdos práticos, ditos técnicos e teóricos. Disciplinas tidas como técnicas, ou ainda a limitação dos conteúdos disciplinares à sua dimensão técnica vão ganhando presença marcante na formação. É o caso, por exemplo, da Classificação e Catalogação, cujos conteúdos no passado organizavam-se como “Processamento Técnico” e contemporaneamente são integrados à classe “Organização e Representação do Conhecimento”.

Em alguns casos, a profusão de conteúdos de caráter eminentemente técnico acaba por prejudicar a formação do profissional. Acrescenta-se a isso, que a classificação dos conteúdos, sua segmentação e seriação seguem lógica muito semelhante a do mundo do trabalho, o que propiciou uma via dupla de influência: da estrutura do ensino para a estrutura do trabalho e vice-versa. À segmentação das disciplinas e conteúdos curriculares associa-se a divisão do trabalho. Semelhante configuração provoca modificações nos cargos ocupados pelos profissionais uma vez que estes não estavam mais aptos a realizar quaisquer tarefas, pois se especializavam. Para orientar e uniformizar o ensino no país foi estabelecido o Primeiro Currículo Mínimo em 1962. No entanto, nem ele e as demais diretrizes curriculares estabelecidas posteriormente conseguiram disseminar nacionalmente a importância do **conhecimento para/na formação**, no sentido de preservar a necessária dialética entre a prática e a teoria, entendida inclusive como relação de reciprocidade entre o entendimento e o uso.

De fato, quando há um excesso de disciplinas técnicas sem a preocupação do estabelecimento de pontes entre as técnicas e a “cultura”, a técnica acaba se tornando um fim em si mesma, impedindo a reflexão na atuação do profissional. “Criticava-se a excessiva tecnização das escolas de Biblioteconomia. Há uma divisão nítida entre as disciplinas técnicas e as chamadas ‘culturais’” (MILANESI, 1989, p. 125). Percebe-se que a ausência de disciplinas “culturais” impôs dificuldades ao profissional na finalização do fluxo da informação, impedindo a condução da informação ao seu usuário potencial, pois ele desconhece o contexto social em que está inserida a biblioteca ou o centro de documentação, limitando-se a executar as operações técnicas. É necessário um conjunto de elementos que garantam uma formação profissional capaz de “organizar as informações de tal forma que elas se tornem acessíveis ao público que se pretende atender” (MILANESI, 1989, p. 127). O profissional da informação precisa da técnica assim como do embasamento teórico para questioná-la, e do conhecimento cultural para identificar o contexto em que se insere sua atividade.

A Fase 5 (1970-1995) do ensino no Brasil encontra-se relacionada com o capitalismo atual. A aceleração do progresso científico-tecnológico observado no capitalismo atual permite concluir que esta época, marcada pelo amadurecimento teórico da área e também pelo aparecimento da interatividade das redes informacionais, promove o incentivo à presença do componente intelectual e à valorização do conhecimento teórico retomados através das pesquisas e criação dos cursos de pós-graduação instalados a partir dos anos 70. O crescimento dos cursos de pós-graduação na área contribuiu de maneira efetiva para a institucionalização do campo da informação.

Com as mudanças ocorridas na sociedade, tanto o profissional com formação estritamente técnica, quanto o profissional com formação estritamente acadêmica, não encontram espaço para atuar.

Há preocupação das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação em nível de graduação, de estabelecer um equilíbrio entre educação e treinamento. [...] Profissional é aquele que desenvolve um componente intelectual significativo de conhecimentos (saberes) e de competências (saber fazer), que o colocam na situação de prestar um serviço relevante à sociedade (BOHN, 1999²).

Observa-se, portanto, que o itinerário traçado pela economia capitalista influiu de maneira significativa na configuração das diversas etapas do ensino de Biblioteconomia no Brasil.

A visão tecnicista e segmentada, implantada a partir da segunda fase do ensino, ao mesmo tempo em que trouxe benefícios às técnicas e aperfeiçoamento dos instrumentos biblioteconômicos, agilizando o processamento da informação, gerou também um impacto negativo à medida que impunha atividades essencialmente mecânicas, alienando o profissional de suas atividades intelectuais. Já na fase de amadurecimento teórico - capitalismo atual, há uma retomada das pesquisas com vistas a consolidar a área de conhecimento, embutindo nesses estudos tanto o caráter pragmático, visualizado em estudos de caso, quanto o teórico, nas pesquisas conceituais.

Neste sentido torna-se possível avaliar também as implicações terminológicas que o sistema capitalista incorporou na área.

6 TERMINOLOGIA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: FORTES INFLUÊNCIAS CAPITALISTAS

A terminologia se desenvolve com o objetivo de facilitar a comunicação da ciência, apresentando conceitos elaborados através de linguagem usual para definir termos do discurso especializado, podendo ser invocada também como chave do progresso ou elemento do desenvolvimento científico. É através dela que se tem contato inicial com a linguagem de determinada área do saber. A título de uma retomada histórica

[...] A Terminologia nasceu na década de 30 com Eugène Wüster, a quem se atribuiu o papel de fundador da Teoria Geral da Terminologia, conhecida como TGT [...] O ponto de partida de Wüster era a lógica conceptual clássica visando à criação de uma teoria e de uma metodologia da terminologia como contribuição à comunicação sem ambigüidade (LARA, 2006, p. 3).

A construção da terminologia é realizada por meio da repetição do processo de assimilação de conceitos de uma língua através de outra, havendo assim a formação de um sistema de designações especiais (essência do vocabulário da segunda língua).

Estes estudos permitem a concepção de uma língua como um instrumento unitário multifuncional que produz um conjunto de diversas linguagens de graus variados de especificidade, tendo em comum um grande número de elementos fonológicos e morfológicos, um número menor de elementos

² Documento sem paginação.

sintáticos e uma coincidência semântica, a ponto de permitir uma função metalingüística em um nível mais geral (SAGER, 1993, p. 14).

O universo da biblioteca abriga uma grande lista de atividades que na verdade refletem alguns dos conceitos que foram incorporados pelo aparecimento do capitalismo. Pode-se citar como exemplo alguns dos termos resultantes de uma pesquisa que aborda a Ciência da Informação como campo científico, autônomo, estabelecendo assim a linguagem da área (KOBASHI; SMITH; TÁLAMO, 2001).

Ao considerar então a grande influência que a economia capitalista trouxe aos modos de “conceituar” e “denominar” os aspectos relativos aos serviços informacionais concorda-se que

[...] os conceitos atribuídos aos termos não resultam de convenções arbitrárias ou de preferências individuais, mas de relações entre suas características constitutivas, passíveis de serem objetivadas e confirmadas; o reconhecimento de uma denominação e de seu conceito é tarefa que exige análise da pertinência dessas características ou traços em relação ao domínio considerado (KOBASHI; SMIT; TÁLAMO, 2001, p. 5).

A correlação entre alguns termos da área com o capitalismo pode ser observada abaixo:

- Acesso – remete ao conceito de processo de aquisição de uma informação e sugere correspondência com computadores e com internet (acesso remoto) - capitalismo atual.
- Base de dados – informações ou arquivos guardados em um computador para recuperação e uso (SANTOS; RIBEIRO, 2003). Este termo dá margem para efetivar relações com palavras como estoque e armazenagem, que advém de produção em massa - capitalismo oligopolista.
- Ciência da Informação (CI) – área do conhecimento que cuida do tratamento da informação e gerência dos sistemas e serviços de informação, cuidando das questões ligadas ao fenômeno da explosão informacional; à diversificação dos suportes de informação e necessidade crescente de desenvolvimento de tecnologias de informação dentre outros aspectos (SANTOS; RIBEIRO, 2003). Essa explanação sobre CI congrega associações com aspectos capitalistas advindos da segunda guerra mundial, como a explosão de informações e a necessidade de sistemas que a contemplassem - capitalismo atual.
- Disseminação da Informação – difundir / distribuir a informação. Este conceito pode remeter à “rede” (internet) assim como em acesso - capitalismo atual.
- Estocagem – estoque, produção em série - capitalismo oligopolista.
- Função documentária – a ênfase no termo “função” em “função documentária” pode reportar ao conceito de segmentação como segmentação da profissão / do mercado / do público, etc. - capitalismo oligopolista.
- Sistema de recuperação de informação – “sistema” em informática pode ser considerado como um conjunto integrado de programas que controla as operações básicas do computador e assim sendo pode fazer referência a um conceito de armazenamento como visto em base de dados - capitalismo oligopolista.

Observou-se que o capitalismo irrompeu as barreiras da produção de bens de consumo e propagou-se por diversos segmentos da sociedade, acometendo, inclusive, a estrutura do tratamento da informação. De fato, a “[...] própria terminologia utilizada pelos bibliotecários [é] reveladora do fordismo, do transplante dos modelos industriais a nossas atividades: *processo de seleção e aquisição, processos técnicos, processo de referência, demanda e treinamento* dos usuários, por exemplo” (MEY, 2001, p. 176).

Assim, infere-se que o consenso em determinar os termos relacionados à área sofre a influência do modo de produção vigente em cada época, à medida que este torna-se o contexto no qual a sociedade se encontra inserida. E, quanto mais a formação do profissional, no caso do bibliotecário, estiver voltada para atender às necessidades econômicas sua terminologia e seus fundamentos voltar-se-ão ao valor do capital.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É natural que o ensino dispensado ao profissional da informação e a terminologia da área adequiem-se às normas do mercado e à sociedade capitalista, uma vez que deve atender às demandas e às necessidades dos usuários. No entanto, sob o aspecto conceitual, tensões entre eles são perceptíveis. Nem sempre, na formação, o entendimento nocional busca suas raízes em teóricos da área. Exemplificando, os objetivos das atividades documentárias encontram-se nas atividades intelectuais fundadas em metodologias que visam, sobretudo, permitir ao usuário o exercício da atribuição de significado. De fato, como observa Canclini (2005), a sociedade da informação deve reconhecer a diversidade cultural, não só aos diferentes modos de organização social, mas também às diferenças entre classes sociais e às formas de industrialização. Ainda hoje, conceitualmente o que prevalece é a referência ao modelo de produção de massa - processos e técnicas. Mesmo amparada no fordismo, a biblioteca não consegue completar com sucesso o modelo de produção, os seus “consumidores” não podem ser identificados com a massa.

Há que se considerar ainda que a pretensa adaptação ao mercado trouxe um grande desenvolvimento técnico e tecnológico à área, concretizado em grandes bases de dados, na recuperação da informação e na própria disponibilização da informação (periódicos on-line, textos completos disponibilizados na rede). No entanto, nesse ambiente, crescentemente complexo, de capital intensivo, não se deve esquecer o que é fundamental no capitalismo: “Os seres humanos só eram essenciais para tal economia num aspecto: como compradores de bens e serviços” (HOBSBAWN, 1995, p. 262), o que dificulta e limita mais uma vez o entendimento genuíno do fluxo de informação, noção que sustenta a atividade profissional.

Assim, ao longo do tempo, a visão tecnicista limitou e restringiu o campo de atuação profissional a um mundo exclusivamente técnico, que implicou na incapacidade de percepção das alterações sociais ocorridas, especialmente àquelas associadas ao seu contexto de atuação. De fato, as atividades profissionais repetitivas prescindiam de fundamento. O mundo do profissional era o da execução e não o da aplicação do conhecimento.

Deve-se considerar também, mais que adaptações dos currículos e da própria profissão, são perceptíveis nítidas tensões entre a produção do saber e o mercado com as

demandas das necessidades dos usuários. As discussões se voltam atualmente para formação de um profissional que seja flexível, que se adapte aos diversos meios e públicos. Novas disciplinas foram introduzidas, balanceando o ensino técnico e cultural. O profissional deve atender às necessidades do mercado sem que elas ditem as regras da sua formação.

As reflexões apresentadas buscam incentivar discussões quanto à relação entre a formação do profissional da informação e os seus mercados de atuação, enfatizando-se que a mesma não pode ser desenvolvida de forma burocrática ao largo de um posicionamento claro quanto aos compromissos sociais, políticos e econômicos associados às proposições da Ciência da Informação.

Observou-se que o capitalismo influencia as atitudes cotidianas e profissionais, porém a visão econômica não se deve sobrepor à social. O profissional da informação possui um viés muito forte ligado ao desenvolvimento de culturas e formação de cidadãos e não se deve limitar o acesso às informações de acordo com o foco econômico vigente na sociedade, que se altera constantemente. É preciso prevalecer o desenvolvimento e melhoria da sociedade como um todo. As observações aqui explicitadas podem ser vistas sob outros pontos de vista e podem ser incrementadas com análises mais profundas nas ementas e na atuação do profissional, não contempladas neste artigo.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, S.; MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Vocabulário controlado para indexação de obras ficcionais**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2005.
- BERGAMO, G. A.; BERNARDES, M. R. Produção de conhecimento. **Educ. Soc.**, v. 27, n. 94, 2006, p. 179-198.
- BERNARDES, R.; ALMEIDA, E., S. Nova função empresarial na coordenação das redes de inovação. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**. v. 5, dez./1999.
- BOHN, M. C. R. O ensino na área de controle sobre a perspectiva da competência: experiência no curso de Biblioteconomia da UFSC. **Encontros bibli**, Florianópolis, n. 8, 1999. Disponível em: <http://www.encontros-bibli.ufsc.br/Edicao_8/bohn.html>. Acesso em: 21/02/2007.
- BOLAÑO, C. **A Economia Política da Internet**. Universidade Federal de Sergipe, 2003. Mimeo.
- CANCLINI, N.G. **Diferentes, Desiguais e Desconectados**: mapas da interculturalidade. Editora UFRJ, 2005
- CASTRO, C. A. Histórico e evolução curricular na área de Biblioteconomia no Brasil. In: _____. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.
- CHAPLIN, C. **Tempos modernos** = Modern times. Estados Unidos: Continental Home Vídeo, 1936. DVD.
- HOBSBAWN, E. **Era dos extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- KOBASHI, N. Y.; SMIT, J. W.; TÁLAMO, M. de F. G. M. A função da terminologia na construção do objeto da Ciência da Informação. **Datagramazero – Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, abr/ 2001.

- LARA, M. L. G. de. Novas relações entre Terminologia e Ciência da Informação na perspectiva de um conceito contemporâneo da informação. **Datagramazero** – Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, ago/ 2006
- MARX, K. **O capital**: crítica da economia política. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Livro 1, v. 1, cap. XII e XIII.
- MEY, E. S. A. Elementos necessários à representação bibliográfica e à recuperação de registros sonoros. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 173-188, jul./dez. 2001.
- MILANESI, A. **Ordenar para desordenar**: centros de cultura e bibliotecas públicas. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- SAGER, J. C. La terminología: puente entre varios mundos. In: CABRÉ, M. T. **La terminología**: teoria, metodología, aplicaciones. Barcelona: Empúria, 1993. p. 11-17. (Prólogo)

ABSTRACT

Introduces the relation among the different stages of the teaching of Library Science and Information Science in Brazil and the capitalism. To demonstrate these relations, the capitalist way of production and its respective stages are shown, contextualizing its influence over the area and study of the information professional. The relations between Capitalism and Library Science teach allows us to develop reflections regarding the models and contents of the courses offered in this field. Such an understanding of the articulation way of the curricular parameters reflects the conceptions and values in a temporal period. At last, terminological questions are made to exemplify the comparisons mentioned.

KEYWORDS: Capitalist system. Information professional formation. Library Science in Brazil.

Originais recebidos em: 19/10/2007

Texto aprovado em: 13/03/2008

Agradecimentos

Este trabalho teve o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Brasil).

Figura 1: Características estilizadas das fases do capitalismo.

Fases do Capitalismo	Período	Função empresarial	Tipo de coordenação	Processo inovativo	Âmbito geográfico	Empresas	Organização do trabalho	Paradigmas tecnológicos
Concorrencial	Até 1870	Empresário-líder shumpetariano	Externa (nos mercados)	Heróico	Local	Pequena empresa (inovadora)	Manufatura	Mecânico
Oligopólista	1870 até o fim dos anos 70	Tecnoestrutura	Interna (dentro de hierarquias)	Linear	Nacional	Grande empresa A trustificada	Fordista-Taylorista	Eletromecânico
Atual	1980's e 1990's	Empreendedor e/ou mediador coletivo	Externa e interna (em redes)	Sistêmico	Global	Empresa-rede	Pós-fordista	Microeletrônico e TIC

Fonte: Bernardes; Almeida (1999, p. 112).

Figura 2: Curículos e Propostas Curriculares de Biblioteconomia no Brasil: 1911 – 1982 – Parte 1.

Biblioteca Nacional				Mackenzie	Dept. de Cultura (São Paulo)	ELSP		
1915 (1 ano)	1931 (2 anos)	1944	1962	1938	1949 (2 anos)	1936-1937	1940 (2 anos)	1944
Bibliografia	História Literária com aplicação a Bibliografia	Organização e Administração de Bibliotecas	Técnicas de Referência	Catalogação	Catalogação	Catalogação	Catalogação	Classificação
Paleografia	Iconografia e Cartografia	Catalogação	Catalogação e Classificação	Classificação	Classificação	Classificação	Referência	Referência
Diplomática	Bibliografia	Classificação Bibliográfica e Referência	Organização e Administração de Bibliotecas	Referência	Referência	Referência	História do Livro e das Bibliotecas	História do Livro e das Bibliotecas
Numismática	Paleografia	História do Livro e das Bibliotecas	Literatura e Bibliografia Literária					Referência
	Diplomática	História da Literatura (Aplicada à Bibliografia)	Introdução à Cultura Histórica e Sociológica					Organização e Administração de Bibliotecas
		Noções de Paleografia	Reprodução de Documentos					
		Cursos Avulsos	Paleografia					
			Introdução à Cultura Filosófica e Artística					

Fonte: Castro (2002, p. 45).

Figura 3: Currículos e Propostas Curriculares de Biblioteconomia no Brasil: 1911 – 1982 – Parte 2.

1º Projeto de Currículo Mínimo	1º Currículo Mínimo	Proposta de Mudança Curricular ABEBD	Proposta de Mudança Curricular ABEBD (3 anos)	2º Currículo Mínimo
1956	1962	1976	1977	1982
Classificação	História do Livro e das Bibliotecas	Formação Social da Biblioteca	Catalogação	Comunicação
Referência	História da Literatura	Estudos de usuários	Classificação, Planejamento e Administração de Bibliotecas	Aspectos Sociais, Políticos e Econômicos do Brasil Contemporâneo
Referência História do Livro e das Bibliotecas	História da Arte	Planejamento e Administração de Bibliotecas	Seleção e Aquisição	História da Cultura
Referência Bibliografia	Introdução aos Estudos Históricos e Sociais	Sistemas de Informação	Documentação	Lógica Língua e Literatura Portuguesa
Documentação	Evolução do Pensamento Filosófico e Científico	Fontes de Informação	Introdução à Biblioteconomia	Métodos e Técnicas de pesquisa
História da Arte	Organização e Administração de Bibliotecas	Seleção e Aquisição	História dos Livros e das Bibliotecas	Informação aplicada á Biblioteconomia
História da Ciência e Tecnologia	Catalogação e Classificação	Organização da informação	Introdução à Filosofia	Formação e Desenvolvimento de Coleções
História da Literatura	Bibliografia e Referência	Recuperação e Disseminação da informação	História da Arte	Controle Bibliográfico dos Registros do Conhecimento
Introdução à Filosofia	Documentação	História da Literatura	Introdução aos estudos históricos	Disseminação da Informação
Introdução às Ciências Sociais	Paleografia	Biblioteca Referencial	História da Literatura	Administração de Bibliotecas
Organização e Administração de Bibliotecas				
Serviços de Documentação				
Seleção de Livros				

Fonte: Castro (2002, p. 46).